

METÁFORA, METONÍMIA E MULTIMODALIDADE DOS TEXTOS DIGITAIS: A INTEGRAÇÃO DO VERBAL E DO IMAGÉTICO NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DE CHARGES ANIMADAS*

Natalia Elvira Sperandio – Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Podemos observar que, em todas as esferas da vida social, houve uma crescente utilização de textos multimodais na produção de significados, fazendo com que houvesse uma mudança abrangente na mídia e nos meios de comunicação. Dessa forma, os elementos verbais e não-verbais de um texto articulam-se na composição de seu sentido, sendo que o elemento visual não é visto como sendo dependente do verbal, mas com uma organização e estrutura independente. Esse contexto multimodal tem influenciado diversas áreas de estudos que têm mudado o foco sobre o texto exclusivamente verbal para discursos em que a linguagem é apenas um dos modos comunicativos. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos considerar que não poderia ser diferente com os estudos propostos sobre a interação metafórica e metonímica. Diante disso, o presente trabalho propõe analisar a forma pela qual metáfora e metonímia se interagem na construção de sentido de um texto multimodal, neste caso, na charge animada. Como resultado, observamos que a interação metafórica e metonímica se faz presente nos e entre os diferentes modos semióticos presentes nesse texto digital.

PALAVRAS-CHAVE: Multimodalidade. Metáfora. Metonímia.

INTRODUÇÃO

Os gêneros discursivos produzem significados e estabelecem relações através dos textos ou discursos neles veiculados. Esses, por sua vez, materializam-se através da linguagem, seja ela verbal ou não-verbal. Todo o arranjo visual existente no gênero, ou seja, a diagramação, cores, figuras, tipo de papel (no caso de texto escrito) ou até como as pessoas se comportam nos textos orais (gestos, entonação de voz, expressões faciais) é chamado por nós de multimodalidade.

Esse contexto multimodal tem influenciado diversas áreas de estudos que têm mudado o foco sobre o texto exclusivamente verbal para discursos em que a linguagem é apenas um dos modos comunicativos. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que não poderia ser diferente com os estudos propostos sobre a interação metafórica e metonímica. No entanto, apesar do crescente interesse voltado para essa interação, como pode ser verificado no número crescente de trabalhos a ela dedicados, podemos observar que o foco desses trabalhos pauta-se na interação ocorrida exclusivamente em um dos modos que compõem um determinado texto: o verbal.

* Acesso ao registro da comunicação em fórum: <<http://www.textolivre.org/forum/viewtopic.php?f=12&t=3817>>.

Ao desenvolverem estudos dessa interação a partir apenas do modo verbal Radden (2003), Goossens (2003) e Barcelona (2003); acabam deixando de lado outros modos que constituem nossos discursos ordinários como, por exemplo, as imagens, sons e gestos. Diante disso, este trabalho possui como objetivo demonstrar que a interação dos processos metafóricos e metonímicos pode ocorrer nos e entre os diferentes modos que constituem os discursos multimodais, neste caso em especial, entre o modo verbal e o imagético. Para isso, utilizaremos como *corpus* uma charge animada retirada do site <http://www.charges.com.br>. A opção por esse *corpus* é devido ao fato de que com o advento das novas tecnologias, em especial, com a internet, o gênero charge ganhou outras proporções, como as cores, som e animação, fazendo com que esses novos elementos entrem na composição de seu sentido.

DESENVOLVIMENTO

Desde a antiguidade a metáfora tem oferecido subsídios a filósofos e especialistas em retórica para uma reflexão sobre a linguagem. Na tradição retórica, ela era considerada um fenômeno de linguagem, um ornamento linguístico. No entanto, em 1970, a metáfora passa a ter seu valor cognitivo reconhecido, deixando de ser uma simples figura de retórica para uma operação cognitiva fundamental. Reddy (1979) por meio de uma análise rigorosa de diversos enunciados procurou investigar a questão do problema da comunicação na língua inglesa.

Seguindo os passos de Reddy, Lakoff e Johnson, em 1980, produzem uma revolução nos estudos sobre metáfora, por assumirem a pressuposição de que ela é onipresente e essencial em nossa linguagem e pensamento. Os autores trabalharam, de forma mais explícita, a metáfora do canal proposta por Reddy e propuseram as metáforas conceituais subjacentes às expressões linguísticas.

Porém, devemos destacar, que o que verificamos é que há um grande número de pesquisas que se voltam para as metáforas conceituais produzidas pelo modo verbal, deixando os outros modos à margem. Assim, tem-se a necessidade de uma abordagem que trabalhe a metáfora não apenas no nível verbal, mas também em outros níveis, já que, como advogam Kress e Van Leeuwen (1996), a dimensão multimodal dos sistemas semióticos tem impulsionado a interpretação dos elementos constitutivos de um texto em direção à complexidade das articulações entre verbal e o não-verbal. Essa proposta pode ser encontrada nos trabalhos de Charles Forceville.

O autor utiliza como base a Teoria da metáfora conceptual para desenvolver sua proposta de metáfora multimodal. Forceville (2009) reivindica a existência de metáforas conceituais detectáveis exclusivamente na forma verbal. Diante dessa deficiência ele nos propõe a metáfora multimodal. Essa é concebida como aquela em que alvo e fonte são representados exclusivamente ou predominantemente sobre diferentes modos. De acordo com Forceville (2009), a qualificação “exclusivamente ou predominantemente” é necessária porque as metáforas não-verbais frequentemente possuem fontes e/ou alvos que são construídos sobre mais de um modo simultaneamente.

O processo metonímico, diferente do metafórico, não foi alvo do interesse de muitos autores, fato que pode ser observado desde os estudos clássicos. De acordo com Al-Sharafi (2004), a falta de interesse, por parte dos filósofos e retóricos, no estudo da metonímia na retórica ocidental decorre do fato de que como eles estavam voltados para o uso poético da linguagem consideravam a metáfora como processo primário para o domínio figurativo e negligenciavam a metonímia, já que esta não envolvia simbolismo e unidade dupla de significação.

No contexto atual, em especial nos estudos da linguística cognitiva, podemos observar um aumento significativo de trabalhos dedicados à metonímia. Lakoff e Johnson (2003) advogam que enquanto a metáfora é uma forma de conceber uma coisa em termos de outra, tendo como função primária o entendimento/compreensão; a metonímia possui uma função referencial, ou seja, ela nos permite utilizar uma entidade para representar outra.

Outro autor que vem se dedicando ao estudo metonímico é Croft (2003). Para isso, ele utiliza como base o conhecimento enciclopédico. Assim, tudo o que conhecemos sobre um determinado conceito estará presente em seu significado. Tendo como base essa pressuposição, Croft (2003) advoga que um conceito pode pressupor vários domínios como, por exemplo, o conceito de ser humano que é definido em relação aos domínios de objeto físico, coisas vivas, agentes, dentre outros domínios. Sendo que a combinação simultânea desses domínios é denominada de domínio matriz. De acordo com o autor, a noção de domínio é crucial para diferenciarmos metáfora da metonímia, já que a metáfora envolve o que ele denomina de mapeamento de domínios e a metonímia de destacamento. Assim, metáfora é definida como o mapeamento entre dois domínios que não fazem parte da mesma matriz e a metonímia, por outro lado, seria o mapeamento ocorrido em um único domínio matriz.

Seguindo essa linha cognitiva para os estudos metonímicos, temos Radden e Kövecses (1999) que propõem um estudo conceptual da metonímia como processo cognitivo. Os autores denominam a metonímia como um fenômeno cognitivo no qual a entidade conceptual, o veículo, promove acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, em um mesmo modelo cognitivo idealizado (MCI).

No entanto, diferente dos autores acima apresentados, que abordam os processos metafóricos e metonímicos como independentes um do outro, alguns estudos têm demonstrado que metáfora e metonímia se interagem na construção de sentido. Faremos abaixo a apresentação dos pioneiros nesse estudo.

Estudos contemporâneos, em linguística cognitiva, já firmam o postulado de que metáfora e metonímia não são conceitualmente independentes, mas mecanismos que interagem entre si. Essa questão que foi sistematizada por Goossens (2003) e retomada por Barcelona (2003). Goossens (2003) encontra evidências dessa interação, a qual passa a ser denominada pelo autor, a partir de um neologismo, como *metaphonymy*.

Segundo o autor, podemos classificar a *metafonímia* a partir de dois tipos básicos:

- *Metafonímia integrada*, metonímia dentro de metáfora e metáfora dentro de metonímia.

- *Metafonímia cumulativa*, metáfora a partir da metonímia e metonímia a partir de uma metáfora.

O autor advoga que a interação cumulativa da metáfora a partir de uma metonímia é que “subjacente à metáfora, há o entendimento de que os domínios fonte e alvo podem ser unidos de forma natural e simultânea numa única cena complexa, situação típica da formação da metonímia” (GOOSSENS, 2003, p. 366). Em relação à interação cumulativa da metonímia à metáfora, o autor argumenta que é mais difícil de ser concebida e possui ocorrência rara, tanto é que ele não a insere em suas análises. Mas segundo ele, não podemos negar sua existência.

No caso das *metafonímias integradas*, podem ocorrer ou a partir da metonímia dentro da metáfora, ou da metáfora dentro da metonímia. O primeiro tipo, defende o autor, pode ser considerado a formação típica de uma metáfora (processo envolvendo o mapeamento entre dois domínios discretos, A e B), mas que possui embutido uma metonímia. O segundo tipo, metáfora dentro da metonímia, possui uma rara ocorrência, para o autor isso ocorre pelo fato de que a inserção de uma metáfora na metonímia tende a provocar uma *metaforização* da expressão como um todo.

Outro autor que tem se dedicado aos estudos da interação entre metáfora e metonímia é Barcelona (2003). O autor propõe a existência de dois tipos de interação: uma concentrada no nível puramente conceitual e outra que se realiza pela coinstanciação textual da metáfora e metonímia na mesma expressão linguística. No nível conceitual ele nos apresenta dois tipos de interação:

- motivação metonímica da metáfora
- motivação metafórica da metonímia

O segundo tipo de interação, proposto pelo autor, a coinstanciação textual da metáfora e da metonímia no interior de uma mesma expressão linguística, é definido a partir da ocorrência da metonímia em expressões linguísticas sem nenhuma dependência de um dado mapeamento metafórico, mesmo com a coocorrência de um mapeamento metafórico em alguma outra expressão.

Mas, apesar de Goossens (2003) e Barcelona (2003) serem considerados pioneiros nos estudos da interação metafórica e metonímica, ambos abordam apenas a interação ocorrida no modo verbal, deixando à margem os outros modos que constituem os discursos multimodais. Acreditamos que, como advogam Kress e Van Leeuwen (2001), na era das tecnologias e na cultura ocidental, os textos têm tornado-se cada vez mais multimodais, fazendo com que diversos modos semióticos sejam articulados ao mesmo tempo no processo de elaboração, conferindo-lhes significados específicos. Dessa forma, a interação metafórica e metonímica, diferente do que é proposto pelos autores acima, não ocorre apenas no nível verbal na construção de sentido de um texto, mas nos e entre os diferentes modos que o constituem. Perante isso, faremos a análise de um texto digital, neste caso de uma charge animada, já que com o advento das novas tecnologias, em especial a internet, a charge ganha novos traços. Com o mesmo fundamento da charge estática, surgem as charges animadas ou eletrônicas, que renovam os traços tradicionais e apresentam novos elementos na sua composição, como

cores, animação e sons, capazes de acrescentar e trazer ângulos diferentes de exposição dos fatos e interpretação que transparecem as possibilidades por meio das expressões, da voz, enfim, de todos os recursos dos desenhos gráficos computadorizados.

Assim, nosso corpus é composto pela charge intitulada “Dilmônica e Serralinha” que foi produzida no ano de 2010, especificamente no mês de setembro, sendo esse o período das eleições presidenciais. Essa charge foi inspirada em uma piada que circulou na internet comparando Dilma, a então candidata a presidência, com a Mônica, personagem da história da Turma da Mônica. Buscamos, nessa charge, verificarmos como metáforas e metonímias poderiam interagir na construção do sentido, tendo em mente a pressuposição de que todos os níveis, neste caso em especial o verbal e o imagético, atuam na construção dos sentidos dos textos multimodais. Apresentamos abaixo a charge a ser analisada:



ANAIS DO IX ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE E
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE

Volume 1, Número 1 (2012)

<http://evidosol.textolivre.org/>

ANAIS DO IX ENCONTRO VIRTUAL DE DOCUMENTAÇÃO EM SOFTWARE LIVRE E
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA ONLINE

Volume 1, Número 1 (2012)

<http://evidosol.textolivre.org/>





Charge retirada do site: <<http://www.charges.com.br>>.

Podemos observar que a charge acima é construída a partir de dois domínios conceptuais diferentes: o domínio da política e o domínio das histórias em quadrinhos, nesse caso em especial a história da Turma da Mônica. Assim, Maurício Ricardo recorre à história da Turma da Mônica para retratar um episódio ocorrido durante as eleições presidenciais do ano de 2010. Dessa forma, podemos considerar, com base em Lakoff e Johnson (1980), que temos a utilização de um domínio, a história em quadrinho, sendo essa o domínio fonte; para compreendermos outro domínio, a política, considerada o domínio alvo.

Tendo como base os estudos de Croft (2003), consideramos que a metáfora é definida como o mapeamento entre dois domínios matriz, ou seja, que cada domínio que compõe o processo metafórico é construído a partir da combinação simultânea de diferentes domínios. Diante disso, verificamos que na charge acima teremos como metáfora conceptual CANDIDATA DILMA É A PERSONAGEM MÔNICA. Assim, temos a presença do domínio matriz fonte PERSONAGEM MÔNICA, sendo esse construído a partir de diferentes domínios como: personagem fictícia, menina, baixa, gorda, dentuça, sabichona, vestido vermelho, está sempre com o seu inseparável coelho de pelúcia. Por outro lado, temos a presença de outro domínio matriz, o alvo, CANDIDATA DILMA. Esse é construído por diferentes domínios como: pessoa, mulher, candidata na época a presidente da república, amiga de Lula, filiada ao PT, economista, ex-ministra chefe da casa civil. Como o mapeamento no processo metafórico é parcial, apenas alguns domínios do domínio matriz fonte serão mapeamentos ao domínio matriz alvo, neste caso em especial, teremos o mapeamento do domínio baixa, gorda, dentuça, sabichona, vestido vermelho e o coelho. Nesse caso, a candidata passa a ser vista com todas essas características que são inerentes à personagem Mônica. É interessante observarmos que, por exemplo, o vestido vermelho, peça típica da personagem, é mapeado sobre o domínio PT, já que essa é a cor típica do partido e, como foi possível observarmos durante o período eleitoral retratado, era a cor que predominava no vestuário da candidata. Outro mapeamento é do domínio coelho de pelúcia sobre o domínio amiga de Lula, assim podemos inferir que da mesma forma que o coelho é o amigo inseparável de Mônica, Lula é o amigo que esteve ao lado de Dilma durante toda a sua campanha.

Podemos observar na construção dessa metáfora a interação denominada por Goossens (2003) de metafonímia integrada e por Barcelona (2003) de motivação metonímica da metáfora, já que a construção da metáfora acima é possível devido às metonímias PARTE PELO TODO, em que o cabelo curto e loiro, considerado fonte, nos faz ativar mentalmente a candidata Dilma, considerada alvo, e partes como baixa, gorda, dentuça, que nos fazem ativar a personagem Mônica; e VESTUÁRIO POR PERSONAGEM, o vestido vermelho, fonte, nos faz ativar mentalmente a personagem Mônica.

Podemos considerar que essa interação ocorre entre os diferentes níveis semióticos que compõem a charge em questão, já que a metáfora analisada pode ser considerada, de acordo com os estudos de Forceville (2009), de não-verbal, já que ocorre a sobreposição dos modos verbal e imagético na construção de cada um dos domínios matriz que a compõem. Assim, o domínio matriz fonte é composto pelo verbal, com as palavras Dilmônica (que nos remete a personagem Mônica), dentuça, baixinha, sabichona; mais o imagético com a imagem da personagem. Por outro lado, o domínio matriz alvo também é composto por esses dois modos, o verbal com as palavras Dilmônica (que faz alusão ao nome Dilma), eleição, urna, candidato que nos remetem ao período eleitoral e, em consequência, a candidata; mais a imagem da personagem Mônica que possui traços que nos remetem à candidata Dilma.

Outra metáfora presente em nossa charge é CANDIDATO SERRA É O PERSONAGEM CEBOLINHA. Nessa metáfora também temos dois domínios matriz, domínio matriz fonte, PERSONAGEM CEBOLINHA, e o domínio matriz alvo,

CANDIDATO SERRA. Esses domínios também são compostos por diferentes domínios, assim teremos: domínio matriz fonte composto pelos domínios personagem fictício, menino, possui um problema conhecido como dislalia, possui apenas cinco fios de cabelo, vive em pé de guerra com a personagem Mônica; em relação ao domínio matriz alvo podemos apontar os domínios pessoa, homem, filiado ao partido do PSDB, ex-governador de São Paulo. O mapeamento parcial do domínio matriz fonte ao alvo envolve os domínios de se falar errado, já que segundo Dilmônica o problema de Serralinha é que este fala errado ao não se declarar amigo de Lula; os poucos fios de cabelo e o de viver em pé de guerra com a Mônica.

Essa metáfora também é denominada de não-verbal devido ao fato de haver a integração do verbal com o imagético em cada um dos domínios matriz que a constitui. Assim sendo, o domínio fonte é composto pelo modo imagético (imagem que nos remete ao personagem cebolinha) e o verbal (palavras como falar errado/trocar o R pelo L) e o domínio alvo composto pelo imagético (imagem com traços que nos remetem a Serra) e o verbal (com as palavras Serralinha, eleição, urna, campanha).

Podemos considerar que essa metáfora também é motivada por uma metonímia, nesse caso, pela metonímia PARTE PELO TODO, já que é através da careca e olheiras/olhos caídos, fonte, que nos faz ativar mentalmente o domínio alvo, que somos capazes de identificar Serra.

A terceira metáfora a ser analisada é ERENICE É A PERSONAGEM MAGALI. Nessa temos o domínio matriz fonte PERSONAGEM MAGALI com os domínios personagem fictícia, menina, melhor amiga da Mônica, vestido amarelo, gulosa; e o domínio matriz alvo ERENICE com os domínios pessoa, mulher, advogada, ex-ministra chefe da casa civil que entregou o cargo após denúncias. Temos também o destacamento de alguns domínios no mapeamento metafórico como amizade e gulosa no domínio fonte e no domínio alvo são destacados os domínios do cargo e denúncias. Assim, podemos implicar que da mesma forma que Mônica e Magali, Erenice e Dilma são amigas e que aquela é gulosa como Magali, mas não por comida, nesse caso melancia; mas por dinheiro, já que Erenice foi acusada de tráfico de influência e lobby que envolvia o nome de seu filho, Israel Guerra.

Semelhante às metáforas acima, essa também é considerada não-verbal, tendo na composição de seus domínios matriz os modos verbal e imagético. Assim, no domínio fonte temos a sobreposição do verbal (gulosa, Maganice) mais o imagético (a imagem da personagem) e o domínio alvo com o verbal (Maganice, afastei do cargo, abrir sigilos) e o imagético (imagem com características que nos remetem a Erenice). Também observamos a motivação metonímica da metáfora e a metafonímia integrada, já que é por meio da metonímia PARTE PELO TODO com o cabelo curto e os óculos, fonte, que nos faz acessar mentalmente o alvo, Erenice; e VESTUÁRIO POR PERSONAGEM, vestido amarelo, fonte, que nos faz acessar mentalmente o alvo, MAGALI.

A última metáfora a ser analisada é LULA É O COELHO SANSÃO. Nessa temos o domínio matriz fonte COELHO SANSÃO com os domínios personagem fictício, coelho de pelúcia, azul, ama (muitas vezes Mônica o utiliza para se defender de seus amigos, na maioria das vezes, de Cebolinha); e o domínio matriz alvo com os domínios pessoa, presidente (já que na época da produção da charge ele

exercia esse cargo), filiado ao PT, ex-sindicalista e ex-metalúrgico. No mapeamento temos o destacamento no domínio fonte dos domínios coelho de pelúcia e arma; e no domínio alvo presidente. Essa metáfora também é não-verbal, já que seu domínio alvo é composto pelo modo verbal (com a palavra Lula) mais o imagético (com a imagem do coelho com traços que nos remetem ao presidente) e a fonte é composta apenas pelo modo imagético (figura do coelho). Essa metáfora também é construída a partir da metonímia PARTE PELO TODO, já que é a partir do cabelo, barba e faixa presidencial, que seriam a fonte que acessamos mentalmente o alvo, Lula.

CONCLUSÃO

Pretendeu-se neste trabalho fazer uma demonstração da forma pela qual metáfora e metonímia interagem na construção de sentido de um texto multimodal. Para isso, nos atemos aos diferentes modos presentes na composição de nosso texto, neste caso aos modos verbal e imagético. Nossa intenção foi demonstrar que essa interação não se restringe apenas ao nível verbal, mas que ela se estende aos diferentes níveis e entre os diferentes níveis, fato que foi comprovado a partir de nossa análise. Acreditamos que é necessário que os estudos dedicados a essa interação não se restrinjam ao nível verbal, já que, como advoga Kress (2000), é impossível compreendermos os textos, até mesmo suas partes linguísticas, sem ter uma ideia clara de como esses e outros elementos contribuem para o seu significado. Gostaríamos de finalizar ressaltando que um interessante trabalho, sobre a interação metafórica e metonímica entre e nos diferentes níveis semióticos, vem sendo desenvolvido por Paiva (2010). A autora vem contribuindo de forma significativa ao abordar essa interação à luz da teoria da complexidade.

REFERÊNCIAS

AL-SHARAFI, Abdul Gabbar Mohammed. *Textual Metonymy: a semiotic Approach*. New York: Palgrave/ MacMillan, 2004.

BARCELONA, Antonio. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: An update. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 207-277.

CROFT, William. The Role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 161- 205.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: Agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles; URIOS-APARISI, Eduardo. (Eds). *Appli-*

cations of cognitive linguistics: Multimodal Metaphor. New York: Mouton de Gruyter, 2009. p.19-42

GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 349-377

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Oxford University Press, 2001.

KRESS, Gunther. *Multimodality: challenges to thinking about language*. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3587959>. Acesso em: 19 ago. 2011.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira; NASCIMENTO, Milton. Processamento metafórico e metonímico na produção de texto/sentido: um exemplo de compressão fractal
Disponível em: <http://www.veramenezes.com/metomiltonvera.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2011.

RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zóltan. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, Klaus-Uwe; RADDEN, Günter. (Eds). *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 17-59

REDDY, Michael. The conduit metaphor - A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-297.